

Festa na Capela: o *Deus Ludens* e o personagem Manuelzão de João Guimarães Rosa

Alexandre Medeiros¹

Resumo: Para Tomás de Aquino, Deus cria brincando. A criação é, ao mesmo tempo, obra racional (do *Logos*) e lúdica. Assim, o lúdico é necessário também para a criatura humana. Este artigo discute o conflito vivido pelo personagem Manuelzão (de Guimarães Rosa) diante do lúdico e da festa.

Palavras Chave: Lúdico. Brincar. Manuelzão. Tomás de Aquino. Guimarães Rosa. Pieper.

Abstract: For Thomas Aquinas God creates playing. God's creation is both rational (*Logos*) and ludic. And man should play if he is to live as humanly as possible. The conflict This paper discusses the conflict facing ludus and feast in the life of Manuelzão, character of Guimarães Rosa.

Keywords: Feast. Playing. Manuelzão. Aquinas. Guimarães Rosa. Pieper.

Introdução

De acordo com Roberto C. G. Castro (in LAUAND, 2009, p. 73-74), o racionalismo é a confiança extrema no intelecto humano: para o racionalista, nada pode existir que exceda a razão humana. É a negação total do sobrenatural. Prefigurado por Boécio (480 – 525), o método racionalista tem sua máxima expressão com o teólogo alemão Heinrich Paulus (1761 – 1851), que explicava racionalmente os milagres, excluindo qualquer influência sobrenatural, e explicava todos os fenômenos bíblicos por bases naturais.

O método inaugurado seminalmente por Boécio, “um dos mais geniais educadores de todos os tempos [...] último romano e primeiro escolástico” (LAUAND, 2000, p. 2), influenciou os principais pensadores medievais, inclusive Tomás de Aquino (1224 – 1275), conhecido pelos seus esforços para harmonizar a filosofia aristotélica com o cristianismo. De acordo com Jean Lauand, Aquino enfrentou o desafio de “harmonizar a teologia bíblica com plena aceitação da realidade natural, a partir de Aristóteles” (LAUAND, 2000, p. 7).

Segundo Roberto Castro,

...enquanto pensadores como Tomás de Aquino utilizavam a razão moderadamente, como um instrumento para conhecer as verdades da fé, outros tendiam a sobrepôr a razão à fé, elaborando uma obra profundamente marcada pelo racionalismo (in LAUAND, 2009, p. 74).

Esta habilidade de Tomás de Aquino, de navegar entre o lúdico e o cotidiano racional (contrapontando o racional com o mistério) é que exploraremos neste estudo. Vale lembrar que a disposição intelectual de Aquino de navegar por estes mares, deve-

¹ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Especialista em Estudos Teológicos - UNASP; Mestre em Ciências da Religião - UMEESP; Doutorando em Ciências da Religião - UMEESP

se em parte pela grande influência que recebeu dos escritos do *Pseudo* Dionísio de Areopagita², autor que Tomás citou em suas obras cerca de duas mil vezes (LAUAND, 2013, p. 33). O objetivo desta pesquisa é destacar o racional e o lúdico de Deus presente no pensamento de Tomás de Aquino. Depois, expandir estes conceitos e aplicá-lo ao cotidiano de um homem comum, do sertão, tentando responder a seguinte questão: é possível aplicar o lúdico e o racional no cotidiano de um sertanejo iletrado? A convivência entre o lúdico e o racional é pacífica para o personagem ou conflituosa? Para responder a estas perguntas, inicialmente precisamos compreender o pensamento de Aquino, ou seja, de onde ele parte para harmonizar o lúdico e o racional. Os intérpretes de Tomás de Aquino, aqui, serão Josef Pieper e Jean Lauand. Assim, após breve aporte teórico, buscaremos aplicar estes conceitos ao personagem Manuelzão, do livro *Manuelzão e Miguilim* de João Guimarães Rosa. Minha hipótese é que a essencialidade destes aspectos para vida humana causa um conflito para o personagem, pois Manuelzão precisa viver o cotidiano racionalmente, mas deseja o lúdico³.

1. Tomás de Aquino: Deus lúdico e Deus racional

Segundo Lauand, Tomás de Aquino parte da teologia negativa de Dionísio, que pode ser resumida afirmando que nossa linguagem não pode falar propriamente de Deus (LAUAND, 2014). O filósofo alemão Josef Pieper, maior intérprete de Tomás de Aquino da atualidade (LAUAND, 2014) acrescenta que,

...o fator negativo seguramente não consiste na suposição de que o conhecimento humano não atinja o ser das coisas. [...] Esta sentença permanece válida em São Tomás – apesar da outra afirmação de que o esforço cognoscente dos filósofos não é capaz de aprender a essência sequer de uma mosca. Estes dois fatores são correlatos (in LAUAND, 2009, p. 108).

Vale lembrar que Tomás de Aquino jamais concordou ou desejou que seu pensamento negasse a racionalidade humana, ou negasse o sobrenatural de Deus. De acordo com Jean Lauand a própria afirmação de um *tomismo* é uma contradição, e tem na verdade muito pouco das ideias e conceitos de Tomás de Aquino. E Josef Pieper enfatiza que interpretar Tomás como racionalista é incompreendê-lo (in LAUAND, 2009, p. 109).

Uma vez que não somos capazes de compreender a essência das coisas, por que temos, mesmo que imperfeito, um entendimento sobre as coisas? Bem, aqui precisamos entender outro conceito de Tomás de Aquino, o de Verdade. De acordo com Pieper, para Tomás de Aquino apenas o pensado pode chamar-se verdadeiro, pois as coisas reais são de fato algo pensado, ou seja, as coisas são reais por serem criadoramente pensadas. Isto é, por “serem pensadas”, são chamadas verdadeiras. As coisas possuem um determinado conteúdo essencial, fruto de um pensamento projetador, pensante, criador. Logo, este pensamento é completamente estranho ao

² Na mesma época em que Boécio (da prisão) escreve sua obra sobre a Trindade (sem citar uma única vez a Bíblia!), o *Pseudo* Dionísio Areopagita escreve obras como *Os nomes de Deus*, também *Teologia Mística*, entre outras, mostrando a transcendência de Deus, inalcançável pela nossa pobre linguagem (e pensamento), que vão influenciar o pensamento de Tomás de Aquino (LAUAND, 2013, p. 32)

³ Lúdico – *Ludus* para Tomás de Aquino é o “brincar do adulto [...] virtude moral que leva a ter graça, bom humor, jovialidade e leveza no falar e no agir, para tornar o convívio humano descontraído, acolhedor, divertido e agradável” (LAUAND, 2000, p. 7).

racionalismo, que discorda que tais coisas existam simplesmente porque foram pensadas (in LAUAND, 2009, p. 89-90).

Mesmo o existencialista ateu Jean Paul Sartre (1905 – 1980), ainda que para negar o conceito de Aquino, enfatiza que as coisas somente possuem uma essência porque foram pensadas. Sartre afirma que as coisas artificiais, como um abridor de cartas, possui uma essência, porque foram pensadas, projetadas. Mas ele nega que o ser humano possa possuir uma essência, pois de acordo com Sartre, não existe Deus para o pensar. Portanto o homem ou a natureza para Sartre não tem essência alguma, porque não existe um criador (Cf. LAUAND, 2009, p. 91-92).

Josef Pieper enfatiza que a diferença entre Tomás de Aquino e Jean Paul Sartre, é que Aquino parte da coisa criada para o pensador, e Sartre procura o projetista para ver se algo foi pensado. Ou seja, se não existe uma inteligência (visível) por trás de algo, este necessariamente não tem essência. Pieper destaca que Tomás de Aquino ao ver uma obra de arte, prontamente identifica que existe um artista (mesmo que ele ali não esteja visivelmente). Aquino entendia que se as coisas existem, elas necessariamente apontam para um *Verbum*, um Criador, pois para Aquino, uma *creatura* exige um *Creator*. Portanto para Tomás de Aquino se alguma coisa existe, é porque foi pensada (Verbo) e se foi pensada tem essência (Cf. LAUAND, 2009, p. 92). Para Tomás de Aquino, a criatura tem o “Ser”, por participar do criador, aquele que “É” (Cf. LAUAND, 2013, p. 14).

Sendo assim, as coisas só são inteligíveis por nós, porque foram pensadas, criadas por Deus (LAUAND, 2009, p. 94-95). Logo, razão e lúdico se encontram na compreensão divina de Tomás de Aquino. Por quê? Segundo Jean Lauand, por um lado há a racionalidade do *Logos* da criação, é o fato de que a Criação é “obra inteligente de Deus” (LAUAND, 2000, p. 10). Deus é o pensador, idealizador da Criação. Quando algo é compartilhado em diferentes graus, “há a existência daquele que tem aquele algo partilhado perfeito” (LAUAND, 2013, p. 14). Na explicação de Lauand, cada coisa criada recebe uma estruturação racional do *Logos* que o criou (LAUAND, 2000, p. 10). Mas, por outro lado, Tomás une o lúdico ao racional de Deus. Para Lauand o brincar, do *Logos*–Deus, será o contraponto da racionalidade do *Logos*. Por definição *Logos* é racionalidade, mas para Tomás de Aquino, é uma racionalidade lúdica. Aqui encontramos o cerne do conceito que exploraremos nesta pesquisa: a racionalidade e o lúdico se complementam e se harmonizam (LAUAND, 2014).

Lúdico do latim *ludus* remete ao divertimento. Uma atividade lúdica é uma atividade de entretenimento, que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas, é o próprio ato de brincar. Para Rubem Alves, Deus é Espírito, leve, faz todas as coisas voarem e dançarem (ALVES, 2012, p. 43). Para Tomás de Aquino, o Lúdico de Deus é um atributo capaz de divertir. Segundo Jean Lauand, Deus é um brincador (LAUAND, 2014).

No livro de Provérbios 8.30-31 encontramos,

Então eu estava com ele, e era seu arquiteto. Eu era cada dia as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo, folgando no seu mundo habitável.

Lauand explica que Tomás de Aquino utiliza a versão Latina Vulgata, que nos mesmos versos nos dizem: “Com ele (Deus) estava eu compondo (*componens*) tudo, e eu me deleitava em cada um dos dias (da criação), brincando (*ludens*) no orbe da Terra”. Lembrando que “*componens*” é articulação intelectual, e “*Ludens*” é prazer de

brincar. Tomás de Aquino entende a Criação como “brinquedo de composição” (LAUAND, 2000, p.9-11).

Pensemos agora na implicação deste conceito para os seres humanos.

Deus brinca. Deus cria brincando. E o homem deve brincar para levar uma vida humana, como também é no brincar que encontra a razão mais profunda do mistério da realidade, que é porque é brincada por Deus (LAUAND, 2000, p. 1).

Tomás de Aquino entende que a tristeza, dos males é o “que mais causa danos ao corpo”. Tomás chega a receitar a contemplação, a solidariedade e o prazer, como um remédio para acabar com a tristeza (*Apud*, LAUAND, 2013, p. 51). Interessantemente Aquino diz que a “tristeza é pecado, pois Deus deu alegria de viver e a tristeza contraria o princípio humano” (Cf. LAUAND, 2014). Concluimos que o Lúdico é essencial à vida humana (LAUAND, 2000, p. 8), no verso bíblico Eclesiástico 32.15-16 (Versão Ave Maria), esta ideia fica mais clara:

Uma vez chegada a hora de se levantar, não te demores, sê o primeiro a correr para casa, onde te regozijarás com os divertimentos. Faze o que te aprouver, porém sem pecado ou orgulho.

Na Vulgata, versão que Aquino utilizava, nossa compreensão é ampliada. Os mesmos versos dizem, “Corre para tua casa, a ela recolhe-te e brinca, e realiza tuas concepções” (LAUAND, 2000, p. 9). Lauand evidencia que para Tomás de Aquino, brincar era coisa séria, pois o Verbo e o Pai estavam juntos compondo tudo (João 1. 1 – Prov. 8. 30-31), ou seja, juntos criando tudo, tal como nas atividades artísticas, amorosas, e de brincadeiras (LAUAND, 2014). Rubem Alves no livro *Perguntaram-me se acredito em Deus*, poeticamente diz que antes não havia nada, apenas poesia, e a poesia estava com Deus, e a poesia era Deus. Para ele, Jesus é poesia encarnada (ALVES, 2007, p. 23). O poeta⁴ Guimarães Rosa, lembra-nos que não podemos deixar de ver o “cômico no avestruz: tão cavalhar e incozinhável [...] O dromedário apesar-de. O camelo, além-de. A girafa, sobretudo” (ROSA, 2009, p. 289 - 294). Comentando essa passagem, Lauand chega a afirmar que a Criação é “gozação”, é brincadeira (LAUAND, 2014). Portanto podemos ver tanto em Provérbios, como em Eclesiástico, “um convite ao homem a exercer seu conhecimento, seguindo - a seu modo – os padrões lúdicos de Deus” (LAUAND, 2000, p. 12).

2. Manuelzão, entre o lúdico e o racional do cotidiano

Manuelzão é um personagem literário criado por João Guimarães Rosa, inspirado no vaqueiro Manuel Nardi que nasceu em 1904 e faleceu em 1997 (MANUELZÃO, 1990). O interessante nesta situação é o “motivo” da festa que está sendo preparada pelo personagem de Rosa. Inauguração da capelinha sonhada pela mãe. No Livro *Una Teoria de La Fiesta*, Josef Pieper salienta que a alegria é por natureza algo subordinado. A exigência da alegria nada mais é que o desejo de um motivo, ou seja, em primeiro lugar vem o “motivo”, em segundo a “alegria” (PIEPER, 1974, p. 31-32). Guimarães Rosa desenha o motivo, e escreve: “Ia haver a festa [...] Benzia-se a capela – templozinho, nem mais que uma guarita [...] imagem no altar

⁴ O filólogo húngaro radicado no Brasil, Paulo Rónai (1907-1992) escreveu em 1946 que Guimarães Rosa possuía o lirismo de um poeta visceralmente narrador (ROSA, 2001, p. 21).

sorria, Nossa Senhora do perpétuo socorro”. Manuelzão de cima de seu cavalo olhava tudo, “queria uma festa forte, a primeira missa” (ROSA, 1984, p. 145-146).

Um amigo, “Velho Camilo” levou flores e as depositou no túmulo da mãe do anfitrião, “Manuelzão no íntimo se agradecera, mas não disse palavra, chefe não podia” (ROSA, 1984, p. 157 - 158). E já nos aproximamos de nosso tema. Rubem Alves salienta que, a sociedade é utilitarista, deposita valor no médico e desvaloriza o ator de teatro: “ele não é útil”. Nesta sociedade o homem apenas vale enquanto produz, depois que se aposenta já pode morrer, “não valem mais nada” (ALVES, 2011, p. 102-103). Josef Pieper aponta que o “miserável mundo totalitário do trabalho”, é um mundo “pobre e não festivo”. Portanto, o “homem útil”, expressão que Pieper utiliza, “é um homem sem festa” (PIEPER, 1974, p. 28). Manuelzão mantém sua postura de chefe dos vaqueiros, ao invés de se entregar à emoção do abalo. De acordo com Jean Lauand, “o mundo do trabalho se dirige à utilidade comum, conceito que deve ser diferenciado do de bem comum”. Em contrapartida, o ato de filosofar “não serve para nada prático”, mas nem por isso deixa de ser necessário (LAUAND, 2012, p. 25). Entenda-se por ato de filosofar, tudo o que está conectado ao prazer e à alegria. Josef Pieper, diz que existe uma “estrutura intrínseca da existência humana e do ato filosófico”, pois “a estrutura do filosofar é a mesma que a da existência humana” (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 23). Neste primeiro momento, Manuelzão ainda está instalado no tipo “racional”.

Vale lembrar que Manuelzão nesta vida até,

... pegara agrado das mulheres acontecidas, para consumo do corpo. [...] Isto é, as vezes tinha até gostado, até chorado lágrimas que violão toca, mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar os desejos, continuar seus caminhos. O destino calça esporas (ROSA, 1984, p. 188).

Ora, Manuelzão tinha até chorado por uma mulher, mas não cedeu ao abalo do amor, abalo este, que tem seu princípio na admiração, incontrolável, como diz Lauand, não depende do sujeito, não é ativo nem passivo, pertence à esquecida voz média,

...ações protagonizadas por mim, mas não sob meu controle [...] Não são ações ativas, que possam ser agendadas: amanhã às 16:00h vou me apaixonar [...] Também não são meramente passivas (LAUAND; CASTRO, p. 35-36).

Manuelzão não percebeu que “as musas são um presente da misericórdia divina”, que é dado aos homens “como companheiras de festa e remédio contra a tendência ao embotamento e embrutecimento a que todos estamos sujeitos”. A festa e a arte “se alimentam do amor”, como a alegria de pôr-se diante da pessoa amada e dizer: “Que bom que você existe”, que maravilha “que você está neste mundo” (LAUAND, 2007, p. 29). Vale aqui uma lembrança ao poema da criação. Após cada passo da criação no livro de Gênesis, encontramos: que “bom”, então após ter sido criado, o ser humano escuta: eis que ter você por perto, é “muito bom” (LAUAND, 2016). Sendo assim, o companheirismo e a presença do amigo, o amor, a festa da presença do outro em nossas vidas é algo fundamental. Manuelzão claramente escolhe o racional, “estrita os desejos” e deixa seus amores para seguir seu caminho de trabalho. Como quando criança ao fugir de casa e se tornar cozinheiro de tropa, sabia e conhecia a dureza da vida, resiste ao abalo amoroso, pois “o destino calça esporas” (ROSA, 1984, p. 188).

Naquela manhã os preparativos para a festa estavam a todo vapor,

... Manuelzão chupou os três goles dum café, principiou o pito [...] As barras do dia quebrando, em cima da Serra dos Gerais, o roxoal da sobrealva abrida, os passarinhos instruindo, vinha por tudo o bafo de um dia que ia ser bonito. Que – queriam os periquitos. As fogo-apagou, se dizendo alto, e os pássaros-pretos, palhaços, na brincação. Bandos de Juritis [...] E cheirava a muito boi (ROSA, 1984, p. 199).

Aqui Manuelzão gasta um tempo apreciando a “brincação” da criação. Como escreve Josef Pieper, “*Visio Beatifica* – visão que faz feliz - é o descobrimento contemplativo do fundamento divino do mundo”. De acordo com Pieper, a festa não pode ser pensada sem levar em conta este elemento contemplativo. Onde não se tem a tensão, não se tem a inquietude do pensamento, é o sossego do olhar interno, que se mostra emudecendo as preocupações e ampliando o campo de visão, sem a preocupação do sucesso ou fracasso. Ou seja, a alma descobre o inabarcável horizonte da realidade (PIEPER, 1974, 24-25). Nas coisas triviais, Manuelzão percebe o lado lúdico, poético e prazeroso da vida. Num gole de café, nos “pássaros-pretos, palhaços da brincação”, o comum e cotidiano, vira poesia, vira beleza. Neste instante, em que paramos e nos permitimos ser abalados pelo belo do dia – dia, participamos de uma experiência mística. Para Lauand, o Verbo e o Pai na criação estavam brincando juntos, brincando cada um dos dias. E nossa inteligência deve captar o sentido lúdico da criação divina (LAUAND, 2014). Trata-se da contemplação da sabedoria, “contemplação da maravilha da Criação” (LAUAND, 2000, p. 13).

Ao captar o lúdico das coisas cotidianas, nos tornamos co-participantes na brincadeira divina – experiência religiosa e poética. Como diz Adélia Prado,

É a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda [...] E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não um discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa – que já tinha visto muitas vezes – Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito! aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2011, p. 34).

Aqui, o conceito de Tomás de Aquino é amplamente utilizado por Adélia Prado, ou seja, toda a Criação é divina, nada neste mundo escapa do ato Criador. Tudo foi pensado, planejado e arquitetado por Deus. A inteligência do *Logos* faz brincadeira e prazer para o homem. Quando gastamos tempo com a beleza da Criação, podemos desfrutar de uma experiência religiosa. Como argumentava Tomás de Aquino, a existência de Deus não está só num mundo imaterial, superior, como defendia Agostinho, mas Deus está nas coisas ao nosso redor, no mundo material (*Apud*, DE FRANCO, 2015). E a festa é louvor e afirmação, é assentimento a Deus e ao mundo (LAUAND, 2007, p.29).

Manuelzão naquela manhã continuava maravilhado, observando tudo ao seu redor, naquela manhã, as coisas comuns ganharam um brilho diferente,

Vaqueiros tiravam um leite [...] as crianças, leite de graça. O sol na serra, a luz da manhã clareando por entre as pernas das pessoas, aos simples de contentes, no frio bom. Manuelzão se acontecia, repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava [...] A festa ia começar [...] Seo Vevelho já amanhecia de sanfona a tiracol. O mulherio rezava [...] Até a sustância da Samarra cheirava bem de si, era um gosto aquele ar se exalar completo – terra pastada, estrume já calcado, desorvalho, os capins, frutos de flor (ROSA, 1984, p. 199).

Naquela manhã, o simples ato de tirar o leite da vaca para a criançada, ganhou novo valor. Manuelzão lentamente, “*de – vagar*”, vai apreciando aquele momento. Vai contemplando o povo chegar para a festa, seu coração vai poeticamente sendo amolecido. As coisas triviais vão tomando um corpo que Manuelzão não esperava. Até o cheiro do estrume no capim tem cheiro bom, tudo combina: a criançada, o leite, o sol, o friozinho da manhã, o pasto, o som da sanfona: tudo era belo. Manuelzão é levado a romper com seu posto de chefe, e parte para o meio da multidão, sem se preocupar com sua posição, começa a “curtir” a festa.

Aqui vale um parêntese. A metáfora do curtir cabe muito bem para este momento, é

...uma de nossas mais maravilhosas metáforas: curtir, curtição, hoje praticamente confundida com o mero gostar. Para além do gostar, curtir envolve processo longo, lento (*lentus* – brando), demorado e *de – vagar*: o processo de curtição lentamente amacia o couro e o preserva da decomposição. Assim, não é de estranhar que seja a metáfora perfeita para o eminente prazer da contemplação: artística, religiosa, amorosa [...] quem se extasia diante de um quadro maravilhoso ou entrevê a presença do divino. Curtir é *enjoy*, etimologicamente *in-joy*, imersão na alegria (LAUAND, 2016, p. 6).

É o prazer de apreciação, é “o amor apreciativo”, que “leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada [...] Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores, não apresenta qualquer traço de amor interessado” (LAUAND, 2016, p. 7). Interessantemente as coisas que despertam a alegria em Manuelzão são as coisas cotidianas, que estavam sempre ali, mas que ele não as conseguia perceber. Exatamente “as ações de cada dia, escondem o que há de mais profundo” (LAUAND, 2013, p. 55). Aquela contemplação matinal fez com que aquele vaqueiro do sertão mineiro, tivesse um olhar contemplativo para as coisas comuns, o lúdico o encantou, o abalou. Contemplação é em grego “*theorein, theoría*”, termo que significa “visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: ausência de tensão de futuro” (LAUAND, 2016, p. 6). Como diz Rubem Alves, existem coisas que não servem para nada: pôr do sol, moda de viola, um gole de pinga, um bom cafuné, um papo furado; “Por que os amamos? Porque nos dão prazer e alegria” (ALVES, 2011, p. 104).

Manuelzão contempla – *theorein* tudo com cuidado, nada passa o seu olhar, a

Toada de todos, rumo da capela, subindo a encosta; já havia gente adiante. De desanimar de contar, o mundo desses, caminhando. Suspendia cós, aos peitos, essa fé de movimento, essa valentia de religião. Então era a festa. O borborinho, povo, meu povo [...] Aonde a Capelinha, no lugar que a mãe soube que era próprio [...] A Capelinha

estava só de Deus: fazendo parte da manhã lambuzada de sol [...] de joelhos no batido, as pessoas primeiras – o padre, o sacristãozinho [...] a capelinha era pequena [...] O povoame enchia a chã, sem confusão nenhuma [...] Perto, estava um gado, um touro e as vacas, que pastavam. O que era de Deus, não se enxotava, por ser (ROSA, 1984, p. 199 - 200).

Manuelzão está extasiado no festivo, no lúdico, o prazer de apreciação, está tomando conta de seu peito. E este prazer é “um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto” (LAUAND, 2016, p. 7). “No mais simples, se esconde o maior mistério” (*Apud* GUARDINI, LAUAND, 2013, p. 55). Ver o povo entrando naquela capelinha que sua mãe tanto desejava, abalou-o. A fé daquele povo, povo dele, emocionou-o, não conseguia parar de admirar, aquela fé em movimento lhe fez ver que Deus estava naquela Capelinha, mas estava também na manhã de sol que iluminava aquele lugar, Manuelzão vê valentia na religião, e vê a Criação de Deus ao lado da capelinha. Criaturas que “não se enxotava”, pelo simples fato de existirem, “por ser” (ROSA, 1984, p. 199 - 200).

Tomás de Aquino considera a Criação como um falar de Deus. Sendo o Verbo (Palavra), as criaturas são como que palavras decorrentes do Verbo Criador. Portanto as coisas “são” porque foram pensadas, proferidas, faladas por Deus – Verbo (in LAUAND, 2000, p. 10). Manuelzão percebe “o ser” das coisas, percebe a essência das coisas, não que entenda completamente esta essência, mas chega nela através da contemplação. Ele compreende o conceito tomasiano de participação, *meté-khein*: “co – ter”, é um “ter-com”. Ou seja, é um “ter em oposição ao ser”, um ter pelo outro ser. É ter o ser, por participar, por tomar parte - *partem capere* daquele que é (LAUAND, 2013, p. 14). Para Jean Lauand, é pelo fato das coisas terem primeiramente sido pensadas por Deus é que elas nos são cognoscíveis, ou seja, “conhecíveis” pela inteligência humana, porque as criaturas procedem do *Logos* divino, elas são apreendidas por nós. E ao mesmo tempo não podemos esgotá-la, porque procede de uma inteligência superior (LAUAND, 2014). Manuelzão percebe a beleza das coisas que são, porque elas participam daquele que “é” (é obvio que existem diferentes modos de recepção do ato de ser, mas as coisas criadas são). Com a ajuda de Pieper compreendemos que até mesmo a festa é um “regalo”, um dom que se ganha (PIEPER, 1974, p. 51). Guimarães Rosa em *Noites do Sertão* vai dizer que o “Sol não é os raios dele, é o fogo da bola” (*Apud*, LAUAND, 2013, p. 15). Portanto é um Deus doador do ato de ser, ato de ser-essência, é porque Deus doou o ato de ser, que as coisas são. Sendo assim, a criatura “tem” o ser, porque Deus é o Ser. E porque o ente tem o ser, ele não pode andar neste mundo sem se maravilhar com as coisas que são (LAUAND, 2016).

Mas Manuelzão era homem duro. Enquanto estava abalado pela beleza e leveza do lúdico, percebia a subjetividade do maravilhoso, quase como um filósofo, via que “a festa era o esmo, um acontecido de muitos, os espaços, uma coisa que não se podia pegar” (ROSA, 1984, p. 209). Como diz Adélia Prado, “eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida [...] O nosso heróico, nosso heroísmo é deste cotidiano [...] nossa vida é linda” (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2009, p. 35). Num determinado momento, alguém percebe a mudança de Manuelzão, sua atitude de alegria e leveza na festa, chama atenção de um dos convidados: “Eh, este Manuelzão é muito influente, ele gosta de dança e festa” (ROSA, 1984, p. 220). Manuelzão mudou na hora, seu racional lutou contra o lúdico, perceberam que ele estava gostando, não respondeu, mas pensou:

“Há-de-o!, Eu não sei festa não. Eu sei é carecer de trabalhar...Mas não disse. Pensava [...] A música, o inteirado da música, às vezes cativava: bonito [...] A música derretia o demorado das realidades. Mas dava receio. Assim a música amolecia a sustância de um homem para as lidas [...] Talvez ela merecesse para se ouvir de noite, em cama deitado – quando as coisas da vida, um pouco da feiúra do corriqueiro, se descascavam, e o pensamento da gente tinha mais licença. Agora, porém, a festa era bobagem: a festa era impossível (ROSA, 1984, p. 220).

Josef Pieper enfatiza que o “exercício da função é o mundo das necessidades e da produtividade, o mundo da fome e do modo de saciá-la” (in LAUAND, 2012, p. 24). É por isto que Rubem Alves diz que “o poeta e o artista são seres paradisíacos” (ALVES, 2011, p. 110). Manuelzão perde completamente a sensibilidade de se admirar com a festa, chega a dizer que aquela linda festa, “era bobagem”, que a “festa era impossível” (ROSA, 1984, p. 220). Toda beleza criativa da festa lhe incomoda, agora a festa atrapalha as atividades úteis. Fica preocupado, e acha que foi a música que o amoleceu, que derreteu a realidade dura, conclui que música é para se escutar à noite, deitado na cama, quando as coisas corriqueiras e cheias de feiúra já passaram (p. 220).

Manuelzão perdeu a *poiesis*, perdeu o poder criador, pois o lúdico é criativo, é poético. Da mesma forma o abalo artístico, religioso, amoroso, têm como *arkhé*, a admiração. Ao parar de admirar, deixou de criar, deixou de filosofar, deixou de poetar, afinal é pelo “abalo da admiração que surge a questão filosófica”. Logo a “filosofia e a poesia têm muito em comum”, pois ambas têm sua *arkhé* na admiração. Perder a poesia é perder a *arkhé*, ou seja, é perder a sensibilidade de “apreender a realidade em conceitos que não falam à imaginação” (LAUAND, 2012, p. 26-27). Para Pieper,

... perceber no comum e no diário aquilo que é incomum e não diário, o *mirandum* (que suscita a admiração), eis o princípio do filosofar. Nesse ponto, como dizem Aristóteles e S. Tomás, o ato de filosofar se assemelha ao ato poético; tanto o filósofo como o poeta se ocupam do maravilhoso, daquilo que suscita e inflama a admiração (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 27).

Interessantemente Josef Pieper em *Una Teoria de La Fiesta*, evidencia que para haver verdadeiramente uma festa, algo divino deve acontecer, pois é justamente o aspecto divino que torna possível, o que de outro modo, seria impossível (PIEPER, 1974, p. 51). Manuelzão ao querer dar justificativas e utilidade para o lúdico, perde o “caráter da festa – a *dádiva*”, perde o “dom” da festa (PIEPER, 1974, p. 51). Deixa escapar o *mirandum*, não consegue mais ver o que estava vendo. Não se espanta mais com o cotidiano. Ou seja, o mundo do trabalho absorve sua criatividade, “não é capaz de se admirar” (LAUAND, 2012, p. 27). Como diz Adélia Prado, “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo” (in LAUAND, 2009, p. 34). Lauand chama este verso de “genial”, pois somos provocados, a divinamente enxergar “para além da pedra”. Em outro verso, Adélia escreve que “admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo” (in LAUAND, 2012, 28). Pieper salienta que celebrar uma festa, significa colocar-se na presença da divindade (PIEPER, 1974, p. 53).

Considerações finais

Manuelzão faz um balanço do tempo que havia passado na festa, a festejar. Agora cuidava para não se envolver novamente na festança.

Manuelzão saía de lá. Queria estar mais simplificado. Mas, debaixo de tão curtas horas, e sentia que estava caído de alturas – das alturas da festa. Tudo era diferente do que devia ser [...] alguém tinha que cuidar das necessidades de todos [...] tinha que precatar os perigos do amanhã, que subia armado contra os fundamentos do hoje. Os outros aceitavam o misturado disso [...] Manuelzão, não. Não conseguia (ROSA, 1984, p. 224).

Tomás de Aquino consegue unir o lúdico e a razão e nos convida ao olhar contemplativo para perceber esta existência. E é por não compreender completamente a complexidade das coisas e seu funcionamento, que podemos imaginar racionalmente a complexidade daquele que Criou estas coisas (*Apud*, DE FRANCO, 2015). Adélia Prado diz: “eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão?” (in LAUAND; CASTRO, 2009, p. 35). Bem, mas as coisas são como são, por que alguém lhes deu a forma. Para Tomás de Aquino foi Deus quem pensou na forma de todas as coisas, é por isto que elas são (*Apud*, DE FRANCO, 2015). Manuelzão perde o Lúdico, quando se preocupa com o dia seguinte, quando se preocupa com o trabalho útil. Diferentemente de Tomás de Aquino, Manuelzão não consegue lidar harmonicamente com a racionalidade do cotidiano e com o desejo e a vontade de brincar. Guimarães Rosa escreve a aflição de seu personagem: “Os outros aceitavam o misturado disso [...] Manuelzão, não. Não conseguia” (ROSA, 1984, p. 224).

Como Josef Pieper nos lembra, o “homem é prisioneiro do mundo do trabalho” (PIEPER, 1974, p. 74-75). Quando falamos aqui de “mundo do trabalho”, entenda-se toda preocupação, inclusive com a organização da festa. Contrariando o que comumente se pensa, a organização de um evento não garante a alegria da festa. Segundo Pieper, celebrar uma festa significa se instalar em estado contemplativo, tomar contato com as realidades supremas que repousam sobre a existência humana. A organização da festa não faz uma festa, antes pode atrapalhá-la e até destruí-la (PIEPER, 1974, 26). Manuelzão demonstra preocupação com a festa em si, preocupação com a organização, e também com o que deveria ser feito com o dia posterior a festa.

Racionalmente, sem a dádiva da festa, sem o *mirandum*, podemos atribuir a Manuelzão a interpelação de Hoelderlin: “Para que poetas em tempos de penúria?”, penúria que consiste precisamente em não ver a presença fundante de Deus no mundo. E, se como diz Platão, as musas, as artes, foram dadas aos homens neste mundo como companheiras de festa, Manuelzão consoma as objeções expressas por Pieper: “Para que poetas em tempos de penúria? Para que companheiras de festa, se não há festa?” (PIEPER, 1974, p. 74-75). A sensação de Manuelzão é que ele enquanto havia se deixado envolver pela beleza, alegria e o prazer da festa, ficou suspenso no tempo, nas alturas (ROSA, 1984, p. 224). De acordo com Jean Lauand,

... não que esses abalos nos levem do cotidiano para outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração [...] sobre a mesma velha realidade [...] Tal como no abalo filosófico (ou artístico) sentimo-nos arrancados de uma porção de coisas, permanecendo no mesmo lugar (LAUAND, 2009, p. 37).

Quando percebe que foi abalado pela alegria, beleza e emoção da festa, assusta-se com o olhar despreocupado que havia tido, diz que alguns conseguiam lidar com o lúdico e o racional, mas Manuelzão não conseguia (ROSA, 1984, p. 224). As

preocupações com o dia seguinte lhe absorve. Os cuidados finais da festa causam lhe o “aburguesamento do espírito”, não era mais capaz de se admirar, estava “cego ao maravilhoso” (LAUAND, 2012, p. 27). Ele deixava o lúdico e se agarrava ao cotidiano racional. De acordo com Jean Lauand, sem o lúdico “recaímos na cotidiana desolação” (LAUAND, 2009, p. 34). Manuelzão deixa de ver a beleza por tudo que olha, começa a ver as coisas sem a poesia, “olha para a pedra” e vê “pedra mesmo” (*Apud* PRADO, LAUAND, 2009, p. 34). Ele começa a ver a feiúra da vida, o maravilhoso lhe foge do olhar, o encantamento lhe escapa. Manuelzão pensa,

Mesmo enquanto se festava, a gente carecia de sofrer também o ramerro dos usos, o mau sempre da vida: uns adoeciam com moléstias, outros se entristeciam [...] A música repartia as tristezas por todos, cada um seu quinhão. Descansadamente, de um certo modo, a festa era coisa que molestava [...] Acabasse, a gente repousava em dormir (ROSA, 1984, p. 224 e 233).

Manuelzão já estava pensando no trabalho, não conseguia mais apreciar a festa, tudo agora lhe incomodava, a música não lhe dava alegria, pelo contrário angústia, até a própria festa lhe “molestava” (ROSA, 1984, p. 224 e 233). A festa havia acabado. Manuelzão se sentia útil novamente. Era incapaz do desfrutar de uma festa do início ao fim sem as preocupações diárias. Manuelzão saindo da festa se encontra mais uma vez entre o desejo lúdico e o cotidiano racional:

Cantar e brincar, hoje é festa – dançação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir – mas para depois se lembrar ... Com boiada jejuada, forte de hoje se contando três dias ... A boiada vai sair. Somos que vamos. – A boiada vai sair (ROSA, 1984, p. 258).

Segundo Rubem Alves, “Deus é o dono da loja de brinquedos”. Mas Adão se cansou de brincar, e quis levar a vida a sério, resultado: “ficou triste” (ALVES, 2011, p. 109). Para Jean Lauand, é certo que:

“aqueles que têm consciência deste mundo, poderia ser precipitado num abismo, mas o amor de Deus causa alegria arrebatadora. Esta alegria e esta tristeza, podem justificar a normalidade psicótica da bipolaridade”. Contrariando a percepção de muitos, a imensa maioria das pessoas está alheia ao potencial contido em cada centímetro quadrado do cotidiano. Esta incapacidade de se abalar, de sentir a vertigem existencial da realidade, traz consigo a tranquilidade do anestesiado” (LAUAND, 2013, p. 73-75).

“Num homem real, existe uma criança que deseja brincar” (NIETZSCHE, *apud* ALVES, 2011, p. 111). Acredito que beleza e alegria são divinas. É isto que faz o ser humano contemplar as tragédias, sem serem consumidos por elas. Como explicar a beleza? Como dizer que beleza existe? “Acredito num Deus que dança” (ALVES, 2011, p. 114).

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2007

_____, Rubem. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. (Orgs), *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo: CEMOrOc EDF-FEUSP/Factash Editora, 2011

LAUAND, Jean. *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc Feusp

_____, Jean. *Deus Ludens: O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval*, Notandum, número: 7 / p. 9-24, 2001/CEMOrOC – Feusp

_____, Jean (org.). *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, CEMOrOc (EDF – FEUSP) / Factash Editora: São Paulo, 2009

_____, Jean, *Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos*, Notandum 40 jan-abr 2016/CEMOrOC – Feusp

_____, Jean, *Teologia e Ética: Estudos Tomasianos*, São Paulo, CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2013

_____, Jean, *Teologia e Ética*, Aulas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP-SBC, 1º.semestre/2016

PIEPER, Josef, *Que é filosofar?* São Paulo: Edições Loyola, 2007

_____, Josef, *Uma Teoria de La Fiesta*, Madrid, Ediciones Rialp, 1974

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

_____, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

Referências digitais

DE FRANCO, Gui. In: Vídeo Aula de Filosofia do Curso Poliedro - <https://www.youtube.com/watch?v=OWRb5AEGHgs> – acessado em 27/09/2015.

LAUAND, Jean. In: Series - Eclipse de Deus. *Logos Ludens, o Deus que cria brincando* de 05/11/2014 - <https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU> – acessado em 22/09/2015 – palestra de 2014

_____, Jean. *Deus Ludens – O lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia Medieval* – <http://hottopos.com/notand7/jeanludus.htm> - acessado em 20/10/2015

_____, Jean. *Mestre Pennacchi: Arte Integração, Estética da Participação* - Notandum 15, - Feusp /IJIUniversidade do Porto, 2007 - <http://hottopos.com/notand15/lauand0.pdf> - acessado em 07/02/2016

MANUELZÃO. In: Entrevista da Jornalista Cláudia Colen da Rede Globo de Televisão com Manuelzão em 1990 - <https://www.youtube.com/watch?v=yARODFxvSM> – acessado em 25/09/2015

Recebido para publicação em 18-03-16; aceito em 20-04-16